

Um livro com perguntas e respostas

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular aposentado da Unicamp, doutor e livre docente da USP e escritor

Cansado de ver imagens terríveis transmitidas do Oriente Médio, a partir de outubro de 2023, e sendo estudioso e admirador dos povos que têm vivido na região há milhares de anos, resolvi voltar ao tema. Procurei os documentos, as narrativas, os textos e os mapas que coletei durante anos para um trabalho acadêmico (concurso de livre docência na Universidade de São Paulo, USP). E fiz uma pergunta cuja resposta apresentei ao longo da nova obra: como, por que e para que o povo judeu, derrotado pelos romanos no ano de 70 — o templo que ostentava seu monoteísmo foi depredado, símbolos religiosos e de poder, enviados a Roma como troféus, homens e mulheres, escravizados e espalhados pelo mundo romano — sobreviveu? Não foi uma simples sobrevivência física de indivíduos, mas a sobrevivência da sua identidade. Por que, como tantos outros, não foram diluídos no meio de tantas outras identidades culturais, tribais? Como e por que não se misturaram a outros povos? Como e por que mantiveram uma identidade distinta dos pagãos, dos cristãos e dos islâmicos?

Não queria respostas religiosas, essas são fáceis de serem dadas (uma entidade superior, a qualquer momento, pode operar o milagre). Queria uma resposta dentro da história, não fora dela. Como é que se deu a sobrevivência do judaísmo, algum judaísmo, qualquer judaísmo, algo que pudesse ser chamado de judaísmo, quando a lógica nos deveria conduzir para a desaparecimento do judaísmo?

Assim, retomei a documentação de décadas atrás e me debrucei sobre ela, como debrucei-me sobre tudo o mais que apareceu depois, sobre fatos e processos, relações e narrativas, um judaísmo sem templo, um Estado laico, conflitos com vizinhos. Isso depois da criação de um pequeno Estado que lutou para se afirmar, com homens e mulheres contemporâneos, em uma região que não queria abandonar o passado. E do passado esses cidadãos não queriam mais ouvir, não queriam saber de gente frágil que sofria em silêncio e se viu esmagada durante séculos e mais séculos e outros séculos, na Espanha e na Alemanha, na Rússia e na África do Norte, na Inglaterra e mesmo às margens do Rio Jordão.

Assim, produzi esse livro. E é um livro novo. Utilizei pesquisas feitas há algum tempo, mas, como sou outro e o momento é outro, insisto em que esse é um livro novo. O resultado é uma obra séria, consequente, mas vibrante e atual. Escrevi com mais leveza. Com menos compromissos formais, o livro também está mais leve. Mas penso que não perde em densidade. Não se trata de um ensaio opinativo, mas de livro de história, fartamente documentado. Não tem afirmações sem comprovação.

Acredito que possa ajudar não apenas intelectuais, mas todos os que quiserem entender mais sobre um tema cuja atualidade vem sendo demonstrada a cada nova notícia. A ausência de especialistas em condição de esclarecer a respeito do que está ocorrendo no Oriente Médio reduzida em repetição acrítica de posições políticas, não de análise séria. É necessário entender os problemas, sua origem e possíveis soluções. Esse livro joga um pouco de luz e, talvez, possa colaborar na compreensão do processo histórico e no

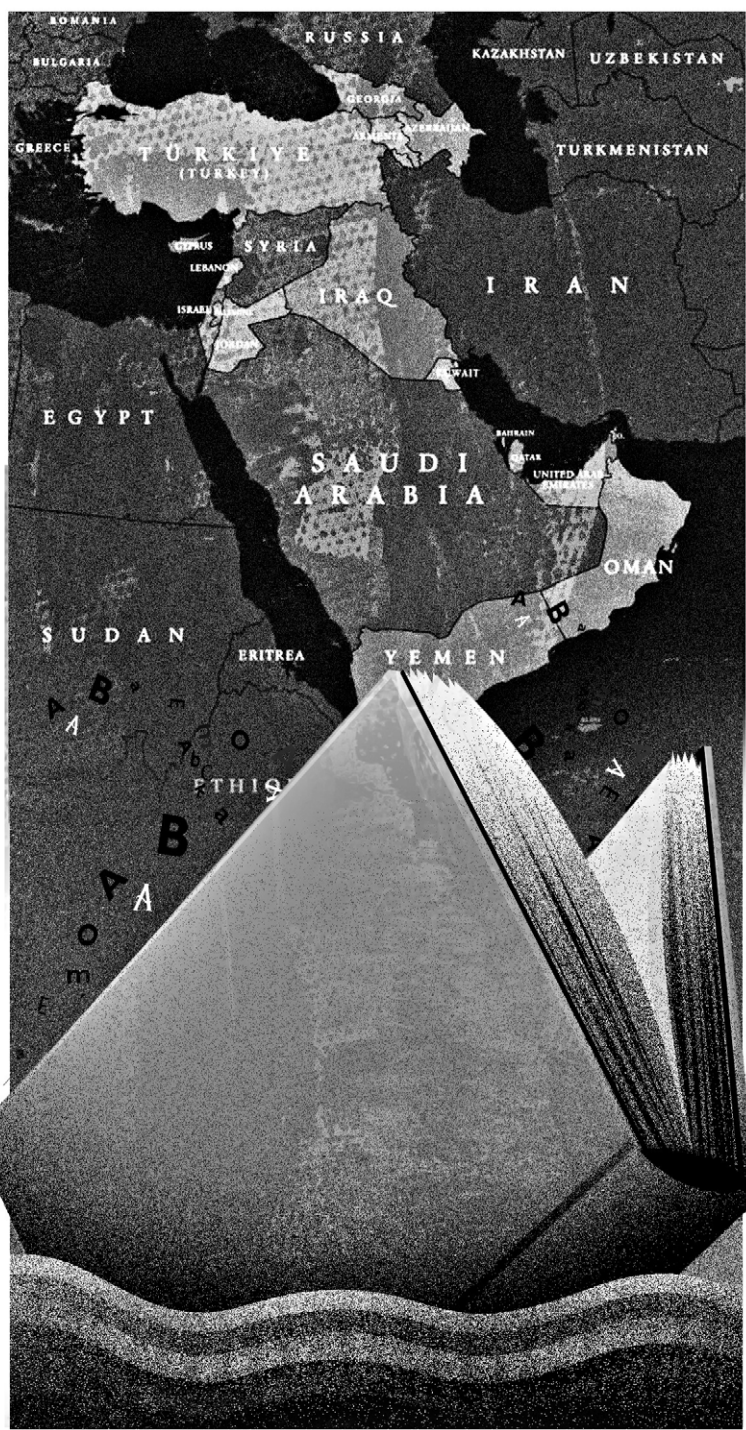
encaminhamento de saídas que permitam a convivência pacífica de povos irmãos.

A identidade nacional e seu corolário, o direito territorial, são problemas intrincados, mesmo para historiadores, cientistas políticos e estadistas. Não são questões simples, em que se toma partido de um dos lados, como em um jogo de futebol. O preço que se paga pela incapacidade de solucionar essas questões tem sido muito alto: guerras, atentados terroristas, radicalização, insegurança. A economia não se desenvolve como deve, a miséria se espalha e os líderes demagógicos acusam o inimigo real, ou imaginário, de todas as mazelas.

A questão nacional continua em pauta e é sempre aconselhável recorrer à história: fica mais fácil compreender os processos que desencadeiam crises. Fica mais fácil desmascarar a demagogia.

De nossa parte, convém registrar que conhecer a história pode amenizar e até evitar manifestações explícitas de ignorância, assim como surtos de intolerância e reaparecimento de preconceitos, como o antissemitismo, ou o anti-islamismo, ambos incoerentes.

Um recadinho pessoal: tem muito trabalho por trás das duzentas e tantas páginas do livro, que se chama *Os judeus, a luta de um povo para se tornar uma nação*. Levei a sério o compromisso de apresentar uma obra com muita informação e análise. O livro não foi escrito com a ligeireza e a superficialidade de um comentário, redigido às pressas e enviado por celular. Creio ter conquistado o direito de pedir a quem for lê-lo que o faça com atenção, não me atribuindo afirmações que não fiz. E se não ler, por favor, não suponha.



É mais do que a Casa Branca em jogo

» GUNTHER RUDZIT

Doutor em ciência política e professor de relações internacionais da ESPM e professor convidado da Universidade da Força Aérea (Unifa)

Em 4 de fevereiro de 2022, os presidentes Xi Jinping e Vladimir Putin se reuniram em Pequim para a abertura das Olimpíadas de Inverno. Contudo, o fato mais importante foi outro, mas que recebeu pouca atenção no Brasil: a declaração conjunta afirmando uma parceria sem limites entre os países, e que as relações internacionais haviam entrado em uma nova era.

Em vez das críticas costumeiras ao Ocidente, o documento foi uma clara declaração de princípios e uma nova visão de política internacional. Fundamentalmente, eles defenderam que o mundo seria multipolar, e que não haveria espaço para a imposição de uma única visão de democracia e de direitos humanos, fazendo com que esses devessem levar em conta a história de cada povo. Por fim, louvaram que essa nova era seria baseada em paz e cooperação.

A realidade dessa visão ficou clara em 24 de fevereiro do mesmo ano. No mesmo dia, a maior quantidade de aviões militares chineses ultrapassaram a linha divisória no Estreito de Taiwan, no que seria espaço aéreo taiwanês. Já na Europa, as forças militares russas invadiram a Ucrânia, dando início a uma guerra que já dura quase três anos. Esses eventos levaram o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, a declarar que o mundo vivia o enfrentamento entre democracias e autocracias.

Por outro lado, o Ocidente passa por uma "recessão democrática", termo que o cientista político Larry Diamond cunhou em 2014. Neste ano, dados indicavam a perda da confiança das pessoas no sistema democrático, e a ascensão de partidos de extrema-direita em vários países, principalmente na Europa. Essa preocupação passou a ser direcionada também aos Estados

Unidos a partir de 2020, quando o ex-presidente Donald Trump se recusou a reconhecer a derrota na corrida presidencial, e incentivou a invasão ao Capitólio. Portanto, a eleição de 5 de novembro tem vários outros aspectos do que somente a presidência.

As diferenças entre Donald Trump e Kamala Harris são claras, mas há alguns aspectos que não diferem muito. Em termos da economia, há sinais mistos. Ambos foram bastante vagos em suas propostas, mas não mencionaram o crescente endividamento público federal. A diferença seria de que, segundo o Comitê para a Responsabilidade do Orçamento Federal do Congresso, o plano da democrata aumentaria a dívida em aproximadamente US\$ 4 trilhões, e o do republicano em US\$ 7,8 trilhões. Além disso, ambos serão bastante protecionistas e defenderão a ajuda do governo para setores considerados estratégicos. Tudo isso poderá levar a FED a elevar os juros, o que impactará o mundo todo.

Talvez, a maior diferença seja em termos de política externa. Há um ponto em comum, de que a China é a maior ameaça à liderança global americana, o que na verdade já é um consenso nas elites americanas desde o governo Obama. Como enfrentar esta realidade é que difere os dois candidatos.

Kamala, apesar de não ter muita experiência em política externa, tem assessores experientes. Por isso, é de se esperar que sua atuação externa siga a linha do governo Biden, de unir o Ocidente contra as autocracias. Trump tem um histórico de confrontação com os aliados, principalmente os europeus. Ele chegou a ameaçar tirar os Estados Unidos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a aliança militar ocidental, caso os países europeus não

aumentassem os seus orçamentos militares. Neste aspecto, ele estava correto.

Depois da anexação da Criméia, em 2014, pela Rússia, os governos da Aliança concordaram em estabelecer o patamar mínimo de 2% do PIB para gastos militares. Contudo, somente oito países haviam atingido esse objetivo, sendo que a Alemanha, a maior economia do continente, estava bem longe disso. Mais recentemente, Trump voltou ao assunto e disse que deixaria Putin fazer o que quisesse com aqueles que não fizessem a sua parte. Portanto, é de se esperar no mínimo um atrito constante entre Washington e seus aliados.

Tendo em vista as características do governo americano, o que importa não é só quem ocupará a Casa Branca, mas também, ou até mesmo, principalmente, como ficará a composição do Congresso. Se os republicanos controlarem as duas casas, os projetos mais radicais de Trump poderão ser implementados, já que hoje a Suprema Corte também é controlada por uma maioria republicana. Se o Senado for republicano e a Câmara for democrata, seus ímpetos poderão ser um pouco mais contidos.

Com Harris e um Congresso republicano, seria uma imposição de muitas agendas conservadoras, e teríamos um governo semiparalisado. Com Senado republicano e Câmara democrata, os embates seriam frequentes, e a não aprovação do orçamento poderia ser frequente.

Portanto, há muito mais em jogo nesta eleição de 5 de novembro do que somente a Casa Branca. Há aspectos sociais e políticos, internos e globais, em jogo. Isso se dá porque os Estados Unidos ainda são a única superpotência, e em um mundo dividido estrategicamente e politicamente, seu futuro é importante para o restante do mundo. Principalmente para as democracias, como o Brasil.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Predições quase ficcionais

Não é de agora que escritores, visionários, filósofos e outros pensadores da questão humana, imaginam e preveem um mundo e uma sociedade distópica, em que os valores morais e éticos e todas as relações sociais saudáveis, desabaram para um patamar no subsolo onde a opressão, o autoritarismo, a anarquia e a desagregação do indivíduo e das famílias passam a dominar o ambiente de todas as nações, fazendo do exercício da vida, um tormento sem fim.

Obras literárias de grande valor, como *1984*, de George Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, *Guerra dos Mundos*, de H.G Wells, e uma centena de outras buscaram descrever esse mundo futuro de pesadelo, no qual a tecnologia que, anteriormente, foi pensada para libertar o homem dos trabalhos enfadonhos e infundáveis, agora passa a ser usada como ferramenta para controlar e oprimir as massas, criando um ambiente no qual todos são absolutamente vigiados e escravizados, do nascimento até a morte.

Mesmo as grandes metrópoles, outrora, majestosas e desejadas, vão se transformando, dentro desse novo ambiente de miséria humana, em lugares decadentes e extremamente hostis. Ocorre que, se no passado, essas imagens e previsões ficcionais foram utilizadas, por seus autores, dentro de um contexto que visava alertar e satirizar a possibilidade de as sociedades modernas transformarem o planeta num lugar de absoluto sofrimento, hoje, mais e mais, parece que estamos nos dirigindo ao encontro daquilo que mais temíamos: construindo, com nossas próprias mãos, a Torre de Babel distópica que poderá erguer o inferno sobre a Terra, antes mesmo do advento do apocalipse.

É essa dualidade humana, ao mesmo tempo a unir o Eros e o Tânatos, que temos a arrastar para frente, num combate eterno contra nós mesmo, tão bem representada pela alegoria de Sísifo, condenado a empurrar para sempre, morro acima, uma gigantesca pedra, que ao atingir o topo, volta a rolar morro abaixo. Essas reflexões vêm a propósito do fenômeno, experimentado em boa parte do mundo e que parece decretar o que seria os primeiros sinais da morte da cultura, em todos os seus aspectos. De certa forma, esse seria, para muitos, o prenúncio a indicar que estamos no limiar de um mundo distópico. O fechamento de teatros, museus, bibliotecas, livrarias, galerias de arte, cinemas e mesmo o que parece ser a falência da música, dos coros, das orquestras, da moda e tantas outras invenções do gênero humano, tão necessários para a evolução de nossa espécie e que nos tornam aquilo que buscamos ser: seres humanos.

Trata-se de um fenômeno que vai acontecendo não só por indução da pandemia, mas pela própria condição atual de todos nós, terráqueos, preocupados e envoltos em nossas revoluções internas, enquanto destruímos o planeta e todo o seu bioma. Escondidos em nossas cavernas modernas, fugimos do vírus externo, enquanto, por toda parte, as lideranças políticas vão se assealhando da máquina do Estado, transformando nossas instituições e criando outras à imagem e à semelhança de seus propósitos.

Ao romper a barreira da cultura, estarão abertas as brechas para o alagamento total de nossa civilização, abaladas pelos esforços contínuos de destruição das famílias e o que resta do ensino público. Enquanto permanecemos mergulhados em nossa hibernação, um mundo distópico vai sendo erguido bem defronte de nossas casas.

»» A frase que foi pronunciada:

"Não é o que você paga a um homem, mas o que ele lhe custa é que importa."
Will Rogers

Sem serviço

» Com as chuvas, volta e meia, os semáforos param de funcionar e os próprios motoristas definem as regras colocando a vida em risco. Nesse momento, não se vê autoridades para auxiliar o trânsito.

Que pena

Por falar em semáforo, a ideia de colocar um sinal para quem sai da L3 para entrar na L2, sentido norte e sul, foi muito boa. Parece que não conseguiram deixar a luz verde do aparelho indicando direita livre. Daí, eliminaram o sinal.

Semana das bandas

» Quem gosta de bandas não pode perder a programação na Escola de Música de Brasília. A entrada é franca e a programação está agendada de 4 a 8 de novembro, à noite. Confira o horário.

»» História de Brasília

Por falar em Universidade, o professor Darcy Ribeiro superou, em alguns casos, o dr. Juscelino Kubitschek como comandante de obra. (Publicada em 21/4/1962)